

**O “Social” Nos Percursos Teóricos E Historiográficos  
De Eric Hobsbawm**

**The “Social” In Theoretical And Historiographical  
Routes Of Eric Hobsbawm**

**Felipe Ziotti Narita**

Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista  
Mestre pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Professor da Universidade Estadual Paulista  
E-mail: [fznarita@gmail.com](mailto:fznarita@gmail.com)

**Endereço: Felipe Ziotti Narita**

Endereço: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Unesp. Avenida Eufrásia Monteiro Petrágli, n. 900,  
CEP: 14409-160. Fone: (16) 3706-8700, Franca, SP – Brasil.

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho**

**Artigo recebido em 12/03/2015. Última versão recebida em 13/03/2015. Aprovado em 21/03/2015.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**

## RESUMO

Neste trabalho, pretendo analisar o “social” como objeto de reflexão historiográfica na obra de Eric Hobsbawm. Tomando como referência ensaios teóricos e livros escritos pelo autor, a ideia é discutir alguns pontos da abordagem historiográfica de Hobsbawm à luz das discussões com temas e interlocutores – partindo, portanto, de formulações teóricas para analisar algumas de suas implicações na própria prática historiográfica do autor. Propondo uma ampla abordagem histórica e historiográfica acerca do “social” (entendido por Hobsbawm como instância integradora de diversas esferas da existência – cultural, político, econômico), o historiador britânico estabelece uma reflexão histórica engajada em uma perspectiva *processual-explicativa*, lidando, a um só tempo, com a abertura interdisciplinar do campo (em diálogo com a sociologia, a demografia, a economia etc.) e com a proposição de questões teórico-metodológicas para a formulação de uma história social mais ampla, entendida como “história da sociedade”.

**Palavras-chave:** Historiografia. Eric Hobsbawm. História social. Teoria social.

## ABSTRACT

In this paper I intend to analyze the “social” as an object of historiographical reflection in the works of Eric Hobsbawm. Analysing theoretical essays and books written by the author, this paper discusses some elements of Hobsbawm’s approach dealing with his main concepts and interlocutors in order to emphasize the implications of theoretical formulations to the historiographical practice. Hobsbawm proposes a wide historical and historiographical approach on “social”, understood as an integrated totality in relation to the others spheres of social existence like the social, the cultural and the politics. From this point of view, the British historian offers a historical reflection based on a *processual/explanatory* perspective, situating the study of social history in a dialogical perspective with the social sciences (especially sociology, economy and demography).

**Keywords:** Historiography. Eric Hobsbawm. Social history. Social theory.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos anos 1980 e 1990, diante dos questionamentos teóricos e epistemológicos colocados aos grandes “porquês” nas Ciências Sociais – com as crises dos grandes modelos explicativos (marxismo, estruturalismo, funcionalismo etc.) e do que Lyotard (1979), em uma ampla discussão sobre o estatuto do saber, chamava de descrença nas “metanarrativas” (anunciando uma aproximação do que seria o “pós-moderno” no campo das humanidades) –, o historiador Patrick Joyce lançava uma incômoda pergunta em artigo publicado na *Social History*: “o fim da história social?”. O autor, bem entendido, fazia referência às mudanças operadas no campo historiográfico desde finais dos anos 1970, analisando a desagregação do “social” como *conceito fundante* da reflexão historiográfica: para Joyce (1995, p. 75), basicamente, o social perdia gradativamente sua marca de “tessitura explicativa de conexões” (*explanatory connective tissue*), de modo que os velhos horizontes “totalizantes” da história social, ligando o substrato material ao cultural e político, por exemplo, estariam tragados por narrativas fragmentárias que abdicavam de conceitos fundantes e “essencializantes” (classe, sociedade etc.). Nesse sentido,

O social era o vasto e neutro pano de fundo no qual tudo era registrado e era conectado. Se a sociedade era um sistema, ou uma máquina, a classe era a força motriz e o princípio histórico que dirigia a máquina [...] A ambição era escrever uma “história total”, verdadeiramente refletindo a realidade social em sua totalidade (JOYCE, 1995, p. 75, tradução minha).<sup>1</sup>

A temática delineia alguns importantes contornos para uma reflexão sobre o próprio estatuto do “social”, a um só tempo como categoria de análise e como estrutura de um campo historiográfico (história social). Criticando abertamente a descrença em relação àquelas categorias historiográficas fundantes, o mesmo Patrick Joyce (2010, p.248), escrevendo quinze anos depois do ensaio dos anos 1990, indicava uma pista para o entendimento da questão: discutir os impasses e legados da história social implica uma reflexão sobre o próprio entendimento do “social” na abordagem historiográfica. Nome proeminente na discussão, o historiador Eric Hobsbawm (2008), em entrevista ao periódico *Making History*, em 2008, asseverava que “a história social não deve ser um assunto de nicho, mas deve ser alargada para a história da sociedade”. Além das implicações historiográficas contidas na posição de Hobsbawm (abordagem que será desdobrada neste artigo), convém registrar que o tema

---

<sup>1</sup> “The social was the vast, neutral background in which everything was registered and everything connected. If society was the system, or the machine, class was the motive force, and historical principle, which drove the machine [...] The ambition was to write a ‘total history’, truly reflecting the reality of society’s totality”.

sinaliza uma efetiva abertura e inserção da reflexão historiográfica no que Peter Burke (1992) assinalou como uma “teoria social”, ou seja, um espaço de partilha de conceitos, categorias, abordagens e métodos nas investigações sobre as formações sociais e suas dinâmicas históricas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O PROBLEMA DO “SOCIAL”

A provocativa assertiva de que a história social não deve ser um “nicho” específico, retomando análises clássicas de Hobsbawm ao longo dos anos 1970-1990, sublinha na obra do historiador britânico um entendimento *sui generis* do social em vinculação com a história social e a chamada “história da sociedade”. De partida, convém balizar o início do argumento: o “social” não pode ser isolado da reflexão historiográfica, por exemplo, em relação à economia. O autor, nesse sentido, argumenta que

Se a história devia se integrar às ciências sociais, era com a economia que ela devia chegar a um acordo. É possível ir mais adiante e argumentar (com Marx) que, apesar da inseparabilidade essencial do econômico e do social na sociedade humana, a base analítica de uma investigação histórica da evolução das sociedades humanas deve ser o processo de produção social (HOBSBAWM, 1998a, p. 85).

O entendimento do social como “processo de produção social” coloca a proposta historiográfica de Hobsbawm em relação direta com o marxismo. Discutindo o significado dos conceitos e categorias marxistas na historiografia, Hobsbawm (1998b, p. 181) assinalaria que:

Marx continua a ser a base essencial de todo estudo adequado de história, porque – até agora – apenas ele tentou formular uma abordagem metodológica da história como um todo, e considerar e explicar todo o processo da evolução social humana. Nesse sentido, ele é superior a Max Weber, seu único rival real enquanto influência teórica sobre historiadores, e, em diversos sentidos, um importante complemento e corretivo. Uma história baseada em Marx é concebível sem adições weberianas, mas uma história weberiana é inconcebível exceto na medida em que toma Marx.

Malgrado a discutível “tábula rasa” teórica que o autor faz de um nome como Weber (tema que não cabe nas pretensões deste trabalho),<sup>2</sup> a posição demarcada pelo historiador

---

<sup>2</sup> Hobsbawm (1986, p.87) considerava a abordagem weberiana pouco adequada para o entendimento integrado de processos *históricos* de transformação, uma vez que o autor alemão não apresentava de forma sistemática uma teoria da mudança social (*sozialer Wandel*) calcada em referenciais empíricos. Apesar de reconhecer um esquema geral do desenvolvimento/incremento (*Zuwachs*) da racionalidade, encontrando forma definitiva na sociedade burguesa (*bürgerlichen Gesellschaft*), a abordagem era considerada, por Hobsbawm, excessivamente a

britânico indica a *démarche* de sua teorização sobre o social na análise historiográfica: a sociedade, como ampla esfera de relação entre homens, está estruturada a partir de necessidades de produção e reprodução. O social, em Hobsbawm, diz respeito a um conceito que engloba as formas de produção e reprodução da vida, de modo que não se trata (na esteira do célebre “Prefácio” de *Para a crítica da economia política*) apenas da produção material da vida *em si* mesma, mas do conjunto de relações interdependentes entre natureza, trabalho e organização social. Na análise historiográfica, o autor afirma que

Fica o fato básico de que a análise de uma sociedade, a qualquer momento de seu desenvolvimento histórico, deve começar pela análise de seu modo de produção: em outras palavras, (a) a forma tecno-econômica do “metabolismo entre homem e natureza” (Marx), o modo pelo qual o homem se adapta à natureza e a transforma pelo trabalho; e (b) os arranjos sociais pelos quais o trabalho é mobilizado, distribuído e alocado (HOBSBAWM, 1998b, p. 175).

Em síntese, Hobsbawm chama de “modo de produção” o agregado de relações produtivas que constituem a estrutura econômica de uma sociedade, formando o modo de produção dos meios materiais de existência. Ao passo que a sociedade forma um sistema de relações entre grupos humanos, o modo de produção confere forma e conteúdo conceitual para a análise, identificando as forças que orientam os alinhamentos entre os grupos – constitui, assim, uma *formação histórica* específica em que os homens agem. O “social” de Hobsbawm não é isolável, ou seja, não pode ser matéria de uma especialização: trata-se, fundamentalmente, de uma instância totalizadora e integradora das formas da vida (econômico, cultural, político, demográfico etc.), inserindo no campo acadêmico da história social temas e elementos conceituais importantes para o debate historiográfico.

Hobsbawm (1998a, p.87), nesse sentido, indica que

A história social nunca pode ser mais uma especialização, como a história econômica ou outras histórias hifenizadas, porque seu tema não pode ser isolado. É possível definir certas atividades humanas como econômicas, pelo menos para fins analíticos, e depois estudá-las historicamente [...] Quase do mesmo modo, embora em um nível teórico mais baixo, a velha modalidade de história das ideias, que isolava as ideias escritas de seu contexto humana e acompanhava sua adoção de um escritor para outro, também é possível [...] Mas os aspectos sociais ou societais da essência do homem não podem ser separados dos outros aspectos de seu ser, exceto à custa da tautologia ou da extrema banalização.

Em texto publicado no fim dos anos 1980, a socióloga Theda Skocpol (1987, p.19) considerava dois grandes influxos teóricos que muito teriam contribuído para as análises da

---

apriorística e arbitrária (*willkürlich*). O juízo de Hobsbawm esvazia Weber de um tratamento teórico mais sistemático na pesquisa histórica, de modo que parece uma posição bastante problemática, sobretudo analisando, por exemplo, a frutífera empreitada de Habermas (1988), que buscava em Weber justamente as linhas teóricas para entendimento do processo de diferenciação nas formas de vida (*Lebensformen*) a partir da institucionalização da ação racional em relação a fins (*zweckrational*) na modernidade.

história social a partir dos anos 1950-60: no campo da historiografia, com o descrédito da história política que enfatizava a narrativa das elites e dos “grandes homens”, e no campo da sociologia, com as críticas às teorias funcional-estruturalistas. Além das abordagens e discussões conceituais, o recurso a novas questões teóricas e metodológicas também apontou caminhos centrais para a constituição do campo (como, por exemplo, os métodos de quantificação e o importante aporte da demografia histórica). Especialmente na historiografia, ao lado do marxismo, outra via central para a formação da história social pode ser destacada nos *Annales*, com as pretensões de uma “história total” e o diálogo aberto com problemas da economia e de outras ciências sociais (especialmente a sociologia).

No âmbito da historiografia francesa, bem entendido, os desdobramentos implicariam, por exemplo, a formação das grandes obras de um Marc Bloch, profundamente marcadas pelas discussões herdadas da sociologia durkheimiana nos anos 1920 e 1930, e os trabalhos de Fernand Braudel, com suas amplas análises sobre o mundo moderno calcadas em um entendimento peculiar da temporalidade e do social em constante interação com os homens no meio físico (a chamada “geohistória”). Para as preocupações de Hobsbawm, a elasticidade e a amplitude do “social” devem ser escoradas em uma abordagem *processual* da reflexão histórica. Nesse sentido, a marcante posição teórica do autor em relação aos *Grundrisse*, um dos livros centrais de Marx, indica um importante encaminhamento para o tratamento histórico de processos socioeconômicos. Não à toa, Hobsbawm acentua justamente a centralidade das chamadas *formações* (*Formen*): se Marx, escrevendo no fim dos anos 1850, desenhava as fundações teóricas a partir das quais lançaria o amplo programa crítico em relação à economia política, a interpretação de Hobsbawm destaca um núcleo de desdobramentos teóricos para a análise histórica e a pesquisa social.

Assinalando um conteúdo geral para as transformações históricas, a análise de Hobsbawm sugere que a investigação das *formações* não implica uma origem genealógica desdobrada na temporalidade, mas uma racionalização-conceitualização para preencher as transformações a partir de determinados *sentidos estruturalmente depreendidos*. Nesse sentido, as mudanças sociais podem ser apreendidas desde uma estruturação fundamental: o processo social de produção é formalizado na medida em que coexistem “formação de relações sociais de produção que correspondam a uma etapa definida do desenvolvimento das forças materiais de produção” (HOBBSAWM, 2011, p. 124). Além de uma estratificação do sistema de análise (forças produtivas e relações sociais de produção), o caminho de Hobsbawm procura encarar o conjunto do social a partir de uma sistematização dos processos sociais marcados por contradições, construindo uma abordagem explicativa sobre as

mudanças históricas ao expor a dinâmica interna ao social, bem como a historicidade de todas as suas estruturas.

Em capítulo publicado no livro organizado por Jürgen Kocka, Hobsbawm (1986, p.86) inscreve essa perspectiva processual da historiografia como a analítica de um “mecanismo geral” (*generaller Mechanismus*) que confere sentido às ações dos homens no tempo, construindo uma abordagem preocupada com a explicação (*erklären*) do desenvolvimento das sociedades na história. A proposição teórica de Hobsbawm encara a dinâmica explicativa da investigação história e social por meio de conceitos e sistemas de estratificação da análise, buscando uma compreensão de *sentido* no mundo histórico por meio de mecanismos explicativos: bem entendido, o sentido, em Hobsbawm, é menos uma partilha intersubjetiva de significados do que uma orientação geral para a qual tendem as transformações (a bem da verdade, especificamente neste ponto a abordagem de Hobsbawm expõe uma visada “teleológica”, em função da qual o historiador britânico foi bastante criticado). Ainda que o próprio Hobsbawm não tenha efetivamente desdobrado as profundas implicações deste *entendimento explicativo*, o tema certamente resvala, em termos propriamente epistemológicos, o célebre debate entre explicação-compreensão que marca o campo das “humanidades” (a *Geisteswissenschaft*, na tradição alemã) no início do século XX em torno de nomes como Dilthey, Rickert e Weber.

A historiografia, segundo o autor britânico, não pode perder suas ambições *explicativas* e sua abrangência (não estamos distantes, aqui, do próprio exercício de Hobsbawm como historiador, dedicando boa parte de seu trabalho para grandes tentativas de “síntese” – como nas quatro *Eras*, por exemplo), uma vez que a preocupação analítica central é o chamado “processo de produção social” (HOBBSAWM, 1998a, p.91). A perspectiva de Hobsbawm no sentido de, a partir do material histórico, balizar mecanismos teóricos e explicativos para o entendimento de uma mudança geral no conjunto das esferas sociais de existência apresentava, por assim dizer, dois grandes ferrões (HOBBSAWM, 1998c): situado no campo do marxismo, o autor, ao passo que se distanciava do positivismo comtiano como visão teórica excessivamente especulativa (entendendo a pesquisa histórica e a reflexão historiográfica a partir de critérios puramente empiristas), realizava uma aproximação crítica dentro do marxismo, despindo-o da “camisa de força” através da qual o modelo de base-superestrutura havia engessado parte dos autores marxistas do início do século XX: a bem da verdade, o ponto de fundamental convergência teórica entre Hobsbawm e importantes interlocutores no campo da esquerda nos anos 1960 era justamente esse – um nome como Althusser (2005, p.113), por exemplo, entendia a relação marxista de base-superestrutura a



partir de uma teorização sobre a história fundamentada em determinações eficazes na estrutura da formação social, demonstrando formalmente a irreduzibilidade dos processos da superestrutura a uma dependência *imediata* às formas econômicas e materiais.

A grande ambição de Hobsbawm é alargar o campo da história social para a escrita de uma “história da sociedade”.<sup>3</sup> Como afirma o historiador Theodore Koditscheck (2013, p.443, tradução minha),

A história social era de fato mais do que um apanhado de interesses momentâneos – trabalho, urbano, família, história cultural [...] Esses campos precisavam ser organizados em algo mais coerente e duradouro ao qual Hobsbawm esperançosamente chamava de “história da sociedade”<sup>4</sup>

Refletindo sobre a “história da sociedade”, o autor indica algumas balizas metodológicas nas análises histórico-sociais: sem abrir mão de conceitualizações e amplas sínteses, “a história da sociedade é, portanto, uma colaboração entre modelos gerais de estrutura e mudança social e o conjunto específico de fenômenos que de fato aconteceram” (HOBSBAWM, 1998a, p.92). Como demonstram as próprias abordagens clássicas da teoria social presentes em autores de orientações tão diversas como, por exemplo, Maine, Simmel, Durkheim e Tönnies, a própria fundamentação do campo de análise (a “sociedade” e o “social”), aliás, implica uma ampla indagação conceitual interdisciplinar (envolvendo a própria investigação histórica com os campos da sociologia e da antropologia, por exemplo), uma vez que “aquilo que chamamos de sociedade é simplesmente um dentre vários conjuntos de inter-relações humanas de escala e amplitude variada” (HOBSBAWM, 1998a, p.92). Além, portanto, da “desnaturalização” do campo de investigação, a escala e a disposição dos conjuntos de análise no “social” são centrais na reflexão teórica.

Dessa forma, como uma pura indagação metodológica o problema sugere questões teóricas amplas para o campo historiográfico: implica, por exemplo, uma reflexão sobre as próprias categorias que balizariam a definição dessa unidade analítica fundamental (no caso, a sociedade) – território, etnia, parentesco, interações sociais etc. As alterações estruturais das sociedades modernas (em dimensão, quantidade etc.), enfim, adensam ainda mais o problema

---

<sup>3</sup> Ao passo que os autores franceses dos *Annales* dirigiam seus “programas” historiográficos contra a tradição metódica da historiografia francesa (Langlois e Seignobos, sobretudo) e sua ênfase na curta duração, a História Social inglesa foi desenvolvida em um campo intelectual sensivelmente diferente. Como a discussão ultrapassa os limites deste pequeno estudo, recomendo a leitura do célebre artigo de Miles Taylor (1997), que realiza uma espécie de “investigação a contrapelo” a fim de discutir as raízes e o lugar da História Social inglesa para além dos teóricos marxistas mais conhecidos (especialmente Thompson e Hobsbawm).

<sup>4</sup> No original: “Social history [...] was really no more than a clutch of momentarily fashionable interests –labor, urban, family, and cultural history [...] These fields needed to be organized into something more coherent and enduring, which Hobsbawm hopefully labeled ‘the history of society’.”



para a pesquisa histórica das sociedades na medida em que sinalizam amplos processos de homogeneização de sociedades e grupos humanos em “nações” e “nacionalismos” (HOBSBAWM, 2011). O próprio conceito de “classes”, motor fundamental para as análises históricas de Hobsbawm, deve ser discutido à luz de todo esse tratamento mais amplo do “social”. O autor assume o tratamento histórico básico explícito no clássico modelo de análise de *O dezoito Brumário de Luis Bonaparte*, de Marx, em que a investigação social dilui o peso do indivíduo, contextualizando-o na própria dinâmica social orientada por interesses antagônicos. Nesse sentido, em um debate profundamente marcado pelas teses lukacsianas sobre o problema da “consciência”, Hobsbawm (1971, p. 8) expõe afinidades teóricas e epistemológicas importantes com o autor húngaro: o problema da consciência e da estruturação das classes, assim, deve ser historicizado, ou seja, demarcado sobretudo no horizonte da sociedade industrial – em períodos anteriores, as “classes” só poderiam ser extraídas da realidade histórica através da pura interpretação, de modo que, no contexto das sociedades industriais modernas, as classes são a própria realidade de forma *imediate* (*unmittelbar*), desvelando o horizonte de autoconhecimento (*Selbsterkenntnis*) do capitalismo a partir da estruturação do “social” como unidade.

Especialmente, diante desse vetor analítico, o campo de investigações do social, para Hobsbawm, assume forma interdisciplinar com o vasto leque aberto para os estudos da “invenção das tradições”, de modo que as formas culturais aparecem profundamente entrelaçadas às forças materiais, delimitando historicamente processos de apropriações e significações. Trabalhando no registro de um “passado histórico apropriado”, a tradição inventada circunscreve um conjunto de práticas no âmbito de valores, normas e comportamentos rotinizados como continuidade em relação a um passado. No contexto dos modernos nacionalismos e nações, portanto, o entendimento da “sociedade” comporta novas indagações, de modo que

Certo é que o nacionalismo tornou-se um substituto para a coesão social através de uma igreja nacional, de uma família real ou de outras tradições coesivas, ou autorrepresentações coletivas, uma nova religião secular, e que a classe que mais exigia tal modalidade de coesão era a classe média em expansão, ou antes, a ampla massa intermediária que tão notavelmente carecia de outras formas de coesão. A esta altura, novamente, a invenção de tradições políticas coincide com a de sociais (HOBSBAWM, 2012, p.374).

A abordagem do social implica, também, o estabelecimento de certos níveis de análise. O enquadramento básico é a chamada “forma da estrutura social”, que compreende a investigação do ambiente material e histórico (forças técnicas, produtivas, demografia) em correlação com a estrutura econômica (divisão do trabalho, propriedade, dinâmica de

acumulação etc.). Trata-se, nas palavras de Hobsbawm (1998a, p.94), de “operar para fora e acima do processo de produção social em sua situação específica”. As análises estruturais seriam aprofundadas com as formações sociais em suas especificidades históricas (trabalhando no plano das relações sociais, com instituições, ideias, representações etc.), de modo que:

As tensões às quais a sociedade está exposta no processo de mudança histórica e transformação permitem então que o historiador exponha, em primeiro lugar, o mecanismo geral pelo qual as estruturas da sociedade tendem simultaneamente a perder e restabelecer seus equilíbrios e, em segundo lugar, os fenômenos que tradicionalmente são o tema de interesse dos historiadores sociais, como, por exemplo, consciência coletiva, movimentos sociais e a dimensão social das mudanças intelectuais e culturais.

A construção teórica das obras de Hobsbawm, permite, inclusive a conjugação de diversas dimensões da análise histórica, entrelaçando uma miríade de métodos, temas e documentações sob o pano de fundo de todo esse entendimento do “social”. Um bom exemplo para esta discussão é o célebre *Capitão swing*, publicado no fim dos anos 1960, escrito em colaboração com Georges Rudé (1982). Nesse importante estudo de história social, a fim de analisar o chamado “universo mental” de trabalhadores anônimos e seus levantes no campo inglês dos anos 1830, os autores destacam a proeminência dos métodos quantitativos na análise social. Mapas de população (com a distribuição demográfica dos condados ingleses) e um extenso mapeamento de propriedades agrícolas são articulados às oscilações/flutuações dos preços (cereais), às estatísticas de migração (com variáveis entre períodos, crescimento natural estimado, emigração estimada, porcentagem de crescimento de migração natural) e aos registros criminais nos condados: o material de análise do “social”, ainda, ganha riqueza com análises de manuscritos e jornais no sentido de ligar o “universo mental” à forma geral das relações sociais e da estrutura econômica. A partir de um tema, a princípio monográfico, (revoltas no campo inglês dos anos 1830), os autores conseguem construir uma abordagem e um entendimento de um processo bem mais amplo:

Em suma, o que tentamos fazer foi descrever e analisar toda uma época da história dos trabalhadores rurais ingleses: a do surgimento e do declínio dos seus improvisados, arcaicos e espontâneos movimentos de resistência ao triunfo total do capitalismo rural, à luz dos mais amplos movimentos desse tipo (RUDÉ; HOBSBAWM, 1982, p.20).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conhecido ensaio teórico-metodológico, François Furet (1971) situou a interpretação histórica em três níveis de análise: conceitualização, dados objetivos (formas de quantificação do material) e dados subjetivos (literatura, testemunhos etc.). No caso da abordagem de Hobsbawm sobre o “social”, essas três dimensões podem ser entrelaçadas no que Mark Smith (2003, p.168) chamou de ampla pretensão de *contextualização* da história social: esforço de entrelaçar, além de campos de análise, conceitos e formas de abordagem, analisando das “mentalidades” até concretos processos socioeconômicos. Nesse sentido, Jürgen Kocka (2003, p.25, tradução minha), importante teórico da “Escola de Bielefeld” e da nova história social (FLETCHER, 1984), destaca uma série de tópicos absorvidos e desenvolvidos nas análises mais abrangentes da história social:

Os historiadores sociais aprenderam a levar a linguagem a sério. Hoje eles estão mais conscientes do caráter “construído” de seus objetos, construídos por atos semânticos, políticos e sociais de seus contemporâneos, bem como por categorias do pesquisador. Os historiadores sociais ficaram mais sensíveis à contextualização. Eles desenvolverem novas alianças com antropólogos e historiadores culturais. Eles aprenderam a decodificar práticas simbólicas. Seu trabalho ficou mais auto reflexivo, apesar de não mais analítico. Muitos deles sabem melhor como lidar com macro, meso e micro níveis de interpretação e análise. A história social expandiu muito e, ao mesmo tempo, diversificou-se.<sup>5</sup>

Além da diversidade temática e da variação de objetos de análise, novas questões teóricas e metodológicas são colocadas ao campo da história social. Processo aprofundado especialmente no fim dos anos 1970, com a microhistória italiana, a história cultural, as polêmicas (com cerrados debates na célebre *Past and Present, inclusive*) sobre o “retorno da narrativa”, as novas abordagens estruturadas por meio do diálogo dos historiadores com outros pesquisadores sociais (a “descrição densa” de um Geertz, por exemplo) e a afirmação de novos referenciais historiográficos – como, a história das ideias (na linha de Skinner e Pocock) e a história dos conceitos (Koselleck). Nesse sentido, Axel Körner (2002, p.61) sinaliza que “os conteúdos culturais não deveriam ser deixados apenas aos especialistas da história das ideias: eles constituem fontes de uma história social alargada para a dimensão

---

<sup>5</sup> No original: “Social historians have learned to take language seriously. They are more aware nowadays of the ‘constructed’ character of their objects, constructed by semantic, social and political acts of contemporaries as well as by the categories of the researcher. Social historians have become more sensitive towards contextualization. They have developed new alliances with anthropologists and cultural historians. They have learned to decode symbolic practices. Their work has become more self-reflective though not more analytical. Many of them now know how better to play with macro-, meso-, and micro-levels of interpretation and analysis. Social history has strongly expanded and, at the same time, diversified: by and large much enrichment and a lot of progress”.

cultural”. É certo que, nesse ponto, as percepções do autor começam a divergir de algumas prerrogativas sustentadas por Hobsbawm: reconhecendo a importância das grandes análises sintéticas sobre estruturas e amplos processos socioeconômicos, Körner (2002, p.62) pondera que “as estruturas sociais são apenas parte da realidade histórica ao lado das percepções subjetivas, das ideias, das esperanças, das experiências, dos valores – fatos que não podem ser reduzidos a esquemas comportamentais”.

A abordagem do “social” desenvolvida por Hobsbawm, creio, permite um entendimento teórico mais amplo que entrelaça seus próprios esforços de síntese aos temas monográficos (banditismo, movimentos sociais etc.). Alterando jogos de escala e procedimentos documentais na pesquisa histórica, a unidade teórica das investigações de Hobsbawm certamente encontra um ponto básico de confluência no tratamento do “social”. Afinal, ao passo que o autor reivindica uma historiografia preocupada com a organização de grandes formas estruturais, a interpretação *processual* das transformações históricas conduz a abordagem a um esforço, sobretudo, *explicativo* para apreender a constituição do “social”, a partir de mecanismos conceituais (diretamente derivados de um particular entendimento do marxismo), a fim de imprimir uma relação de sentido na estruturação da temporalidade.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Pour Marx**. Paris: La Découverte, 2005.

BURKE, P. **History and social theory**. Ithaca: Cornell University Press, 1992.

FLETCHER, R. Recent developments in West German Historiography: the Bielefeld School and its critics. **German Studies Review**, Baltimore, v. 7, 1984.

FURET, F. L'histoire quantitative et la construction du fait historique. **Annales**, Paris, v. 26, n. 1, 1971.

HABERMAS, J. **Der philosophische Diskurs der Moderne**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.

HOSBAWM, . A produção em massa de tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

\_\_\_\_\_. Class consciousness in history. In: MÉSZÁROS, István. **Aspects of history and class consciousness**. Londres: Routledge, 1971.

\_\_\_\_\_. Da história social à história da sociedade. In: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a.

\_\_\_\_\_. Interview. **Making History**, Londres, 2008. Disponível em:

<[http://www.history.ac.uk/makinghistory/resources/interviews/Hobsbawm\\_Eric.html](http://www.history.ac.uk/makinghistory/resources/interviews/Hobsbawm_Eric.html)>. Acesso em: 28 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Marx e a história. In: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b.

\_\_\_\_\_. Marx e as formações pré-capitalistas. In: HOBSBAWM, Eric. **Como mudar o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

\_\_\_\_\_. O que os historiadores devem a Karl Marx. In: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998c.

\_\_\_\_\_. Weber und Marx: ein Kommentar. In: KOCKA, Jürgen. **Max Weber, der Historiker**. Göttingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 1986.

JOYCE, Patrick. The end of Social History?. **Social History**, Nova York, v. 20, 1995.

\_\_\_\_\_. What is the social in Social History?. **Past and Present**, Oxford, n. 206, 2010.

KOCKA, J. Losses, gains and opportunities: Social History today. **Journal of Social History**, Oxford, v. 37, 2003.

KODITSCHKE, T. On Hobsbawm. **History and Theory**, Hoboken, n. 52, 2013.

KÖRNER, A. Culture et structure. **Le Mouvement Social**, Paris, n. 200, 2002.

LYOTARD, J. F. **La condition post-moderne**. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

RUDÉ, G.; HOBSBAWM, E. **Capitão swing**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

SKOCPOL, T. Social History and Historical Sociology: contrasts and complementarities. **Social Science History**, Durham, v. 11, n. 1, 1987.

SMITH, M. Making sense of Social History. **Journal of Social History**, Oxford, v. 37, 2003.

TAYLOR, M. The beginnings of modern British Social History?. **History Workshop Journal**, Oxford, v. 43, 1997.